



Sant'ana Dos Olhos D'água: Fé e celebração: Entre a Igreja e o largo

2º Simpósio Regional da ABHR 2015

Rennan Pinto de Oliveira¹

1. Arrumar e organizar a festa

Pelo que representou, as homenagens na área externa do templo religioso a Sant'Ana tornaram-se, nesta comunicação um objeto de estudo, cujo intuito é investigar como a (s) Festa/Festas de largos: o Bando anunciador, a Lavagem da Igreja e a Levagem foram apropriadas, representadas e praticadas pelos seus participantes.

Sendo festejos de importância e de caráter simbólicos, as Festas a Padroeira se tornou um amplo campo de investigação histórica importante para compreender relações plurais envolvidas na sua fabricação e permanência. As homenagens a Sant'Ana eram apropriadas pelos sujeitos, para revelar seus sentimentos e representar, mesmo por um curto tempo, a sua fé na padroeira da cidade.

Participar da Festa podia ter um sentido muito mais amplo de compartilhamento, cumplicidade, curtição e até mesmo de homenagem, sendo possível também unir todos esses sentidos. As festas de Largo da Padroeira foram representadas e praticadas de diversas formas por seus participantes, que lhe deram significados e sentidos próprios, permitindo vivências e expressões culturais apresentadas através das performances culturais dos sujeitos envolvidos.

A *Festa* enquanto campo de estudo trazido pela História Cultural pode ser compreendida, entre outras coisas, como um ritual, produtor de símbolos e significados que podem ser decifrados e compreendidos, além de poder ser

¹Autor Mestre em História pelo programa PPG-UEFS na Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente professor da Secretária de Educação-SEC-BA. A comunicação foi resultado da dissertação de mestrado sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Maria Carvalho dos Santos Oliveira. Email: rennanoliveira5@yahoo.com.br



vista também como um texto passível de ser lido e investigado pelo historiador, assim como fez Darnton² ao analisar através de um documento escrito por um burguês as relações sociais presentes na França do século XVII.

Para tecer as análises, tivemos o suporte teórico de autores como Roger Chartier e suas discussões conceituais sobre representação, apropriações e práticas. Outra contribuição para as análises foram a dos antropólogos Clifford Geertz e Victor Turner, com seu debate sobre cultura e performance cultural.

Para entender as relações cotidianas e práticas dos participantes no desenvolvimento e produção das manifestações culturais, nos deu suporte a proposta de Michel Certeau sobre o cotidiano e consumo. Além dos teóricos citados tantos outros nos deram aporte para o aprofundamento investigativo e analíticos dos festejos presente nas celebrações a Sant'Ana.

2. Sant'Ana celebrada

A Festa de Sant'Ana ao longo do século XX representou para a Feira de Santana uma das maiores expressões culturais vivenciadas pelo feirense. As celebrações à Santa mobilizavam toda comunidade local e da região, gerando múltiplas relações de sociabilidade e expressões de fé.

A festa da Padroeira feirense e suas distintas manifestações festivas foi um espaço aberto para o desenvolvimento de uma combinação de diversas formas de apropriação e práticas culturais, nas quais seus participantes experimentaram e produziram múltiplas maneiras de festejar e se relacionar com o evento.

A cidade de Feira de Santana é marcada em sua história por muitos acontecimentos e processos históricos, sendo um dos mais marcantes as celebrações a Senhora Sant'Ana. As homenagens à matriarca feirense estão intimamente ligadas à memória histórica afetiva da cidade.

A ligação dos feirenses com sua Padroeira era tão forte que ela determinou o próprio nome da cidade que, após ter se emancipado de

² Discussão levanta por DARNTON, Robert. O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.



Cachoeira, em 1832, deixou de ser um pequeno Arraial e ganhou titularidade de Vila, famosa pela sua tradição comercial e as feiras de gado. Em um combinado da expressão de fé e tradição, a emancipada Vila se tornou Feira de Santana.

As celebrações à Sant'Ana era um espaço aberto para criação e desenvolvimento de múltiplas redes de relações e trocas. Muito se fazia para tornar as homenagens bem pomposas e inesquecíveis nas memórias dos feirenses. O culto a Senhora Sant'Ana, segundo alguns estudiosos e memorialistas³ foi iniciado no século dezoito pelo casal Domingos Barbosa e Ana Brandão, que doou para a Igreja Católica um terreno no Alto da Boa Vista, onde foi erguida uma capela em homenagem a Sant'Ana e a São Domingos que depois viria a se tornar a Igreja Matriz. Os cultos em sua devoção no Oriente e Ocidente Europeu datam entre o século VI e VIII. No ano de 1584, o Papa Gregório XIII fixou a data da festa de Sant'Ana em 26 de Julho.

Porém Feira de Santana contrariou essa data, tendo seu festejo durante boa parte de século XX realizado em meados do mês de janeiro. Em sua escrita memorialística, Eurico Boaventura (2006) atribui a mudança de data por decisão do Pároco Beбето, que considerou o mês de janeiro mais conveniente por diversos fatores: a reduzida chance de chuvas, o retorno dos jovens para tirar férias na cidade com seus familiares e a possibilidade de maiores contribuições por parte dos coronéis da região para pomposa festa.

Outros estudiosos perceberam também que a flutuação da data dos festejos não aconteceu de forma imediata e por uma decisão isolada, mas variou de data e mês em especial nas últimas décadas do século XIX e início do século XX, quando se fixou em janeiro de cada ano sua realização. Tendo as celebrações a Santa, ocupado durante muito tempo no calendário festivo da cidade, lugar de importância e destaque. Segundo Eurico Boaventura (2006) esta celebração representou na cultura do feirense, a data mais esperada, pois nas primeiras décadas do século XX varias relações

³ Os estudiosos e memorialista sobre a cidade de Feira de Santana foram Monsenhor Renato Galvão e Eurico Boaventura. O primeiro além de pároco da Igreja Matriz foi organizador de arquivos e memórias da cidade e o segundo foi Juiz, mas também cronista, poeta e escrito de memorias feirenses.



econômicas e sociais na cidade eram influenciadas de forma direta pela produção e desenvolvimento deste evento.

Organizar os preitos a Excelsa Padroeira trazia consigo muitos sentidos. Podendo representar um privilégio que dava ao organizador ao mesmo tempo um destaque social, mas também podia ter um caráter devocional. As Celebrações até meados do século XX eram preparadas e promovidas pela Irmandade de Sant'Ana, a maior e mais forte nesse gênero na Urbe.

O préstito à Padroeira desdobrava-se em muitas etapas, interligando práticas profanas e sagradas: os participantes das festas circulavam em torno dos espaços sagrados reverenciando as práticas religiosas e doutrinárias, assim como também participavam da parte profana nas festanças, comilanças e festejos externo ao templo religioso. Nos festejos religiosos é possível encontrar pessoas que iam à festa por várias motivações: participar apenas do rito sacro, outras que iam com desejo apenas de se entregar aos festejos de largos e por fim pessoas que transitam entre o espaço do Templo/Igreja e as festas de largos/rua.

As chamadas festas em celebração a Matriarca Feirense aconteceram entre os espaços da Igreja e do Largo até o ano de 1987 quando as Festas de Largo foram proibidas, restando apenas à parte religiosa comandada pela Igreja Católica feirense. Com o fim das festas de rua em homenagem a Sant'Ana o evento teve sua data transferida de janeiro para julho, como acontece atualmente.

O entrelaçamento de um conjunto de elementos como a Fé, a devoção e a diversão, eram aspectos presente nos participantes das chamadas manifestações profanas em homenagem a Padroeira da cidade de Feira de Santana. A conduta dos participantes era identificada a partir de suas práticas expressas através de seu jogo corporal e da dança, cadenciados pela energia rítmica e sonora do som das bandinhas e zabumbas.

Neste movimento se exalava sensualidade e outras simbologias aceitas no universo das festas de largos vivenciadas pelos feirenses em várias etapas das homenagens ao longo de suas duas semanas. As comemorações demandavam toda uma escala de atividades que se sucediam



dia a dia. As atividades começavam com o tradicional pregão que lembrava as atuais alvoradas, ele foi um forte elemento das celebrações até a década de cinquenta, depois dele se iniciava o novenário e as apresentações de coreto que aconteciam todas as noites.

No dia seguinte ao pregão vinha o Bando Anunciador, sempre à tarde pelo menos até a década de cinquenta. Ele parece começar acontecer pela manhã a partir das décadas de sessenta como foi visto nos estudos. Após o Bando, acontecia a Lavagem da igreja sempre na quinta-feira. Ela se dividia em dois momentos, o primeiro sempre pela manhã, acompanhado de Senhoras e outras pessoas a lavar o Templo. O segundo sempre a tarde se caracterizava por ser um desfile, no qual se apresentava diversos grupos culturais.

Marcando a data mais importante das comemorações se tinha o dia da Missa Festiva, sempre marcado pela presença de convidados de fora para serem os pregadores. Na sequência acontecia a Levagem da lenha, e no dia seguinte se encerravam as festividades com a grande procissão compostas por membros da elite, romeiros, visitantes e pessoas da comunidade. No encerramento da procissão todos se divertiam com a retreta e tocatas, apresentada no fim da noite pelas filarmônicas.

3. “A festa vai começar!” Anuncia o Bando

Espocando rojões e fogos de artifícios, num grande clamor, jovens mascarados montados em seus cavalos e levados também pelo toque dos sinos da Igreja Matriz, tomavam as ruas da cidade feirense para anunciar a grande celebração a acontecer nos próximos dias na cidade. Os cavaleiros muito bem vestidos acompanhados de grande cortejo distribuía pelas ruas da cidade os folhetos informativos da programação das Festas em homenagens a Sant’Ana.

Foi, justamente, para anunciar a chegada da festa religiosa que nasceu o Bando Anunciador, de acordo com Poppino (1968), teve seus primeiros registros oficiais nas Atas da Câmara Municipal de Feira de Santana, nos últimos anos do século dezenove. Durante o século XX o Bando Anunciador



sofreu alterações na organização, composição, horário de saída e também em seus sentidos.

No século XIX, quando as celebrações a Padroeira da cidade acontecia em 26 de julho, o Bando costumava sair no final de junho. Entretanto isto se modifica quando as celebrações têm suas datas alteradas ocorrendo entre os meses de setembro, janeiro e fevereiro. O penúltimo mês parece ter persistido durante quase todo o século XX. Entre os anos de 30 a 80 a saída do Bando aconteceu em sua maioria no mês de janeiro, obedecendo sempre à estruturação do evento.

Entre as décadas de 20 e 50 o Bando Anunciador assim como todas as demais etapas das celebrações a Excelsa Padroeira eram organizadas pela comissão do evento. Esta era em sua maioria indicação das irmandades e do pároco. Era muito comum nos jornais do período, notícias como “a comissão das festas solicita dos Srs. Proprietários de automóveis a fineza de enfeitarem-no os para maior beleza do curso⁴⁹”. Com a chegada do automóvel na cidade, após primeira guerra, era comum ver os cortejos de carros de passeios e caminhões, sendo dirigidos por homens abastados da cidade que iam para as ruas distribuir poesia e a programação da festa no intuito de anunciar os folguedos.

Apesar da festa do Bando se apresentar com um caráter democrático, ele pareceu trazer para ruas, nas primeiras décadas, em sua maioria, pessoas mais abastadas, não tirando a possibilidade da presença de pessoas de outros grupos sociais, pois muitos dos organizadores da festa eram políticos, bacharéis e pessoas de setores sociais mais influentes na sociedade feirense.

Frequentemente neste período o evento acontecia sempre à tarde, a partir das 16h, mas a festividade do ano de 1934 contrariou toda esta organização do evento e aconteceu em dois momentos do dia, um pela manhã e outro no final da tarde. A inauguração deste novo horário, anos depois foi adotado pelos organizadores do Bando do segundo quinquênio do século XX.

⁴⁹Folha do Norte, Feira de Santana, 14 de janeiro de 1928, Ano XIX, nº965. p. 01.



A saída do Bando permitia a seus participantes encenações e atuações diversas, teatralizadas durante todo o percurso do evento. Era comum nestes Bandos a presença de caminhões, carros e pessoas que faziam o percurso caminhando pelas ruas. Todas as encenações se complementavam com a presença dos mascarados que se divertiam, fazendo seus jogos de ludicidade, a instigar a curiosidade dos expectadores surpreendidos com as brincadeiras e o segredo de quem se escondiam por de traz das máscaras. Os mascarados aproveitam o momento para mudarem a entonação da voz e fazer suas investidas, fazendo declarações de paquera e também de forma carnavalesca entreter-se ao assustar quem os assistiam.

Durante este período outra marca do Bando era o desfile de carros que o acompanhava no cortejo. Neste desfile saiam carros ornamentados com diversos temas, um dos desfiles mais marcantes foi na década de trinta quando um dos carros mais surpreendente a navegar nas ruas foi um em formato de barco, composto por uma grande tripulação trajada de marinheiro.

Nesse mesmo período saíram um grupo de jovens malandrins, além do cordão carnavalesco, as Melindrosas que estavam vestidas à moda das ciganas. Foi muito comum nessas décadas a saída de cordões carnavalesco como Paiz do Sonho, o Girassol, Lyra dos Inocentes e Filhos do Sol na Festa do Bando e também em outros momentos das homenagens a Sant'Ana.

Frequentando as celebrações os cordões carnavalescos davam ainda mais um tom de burlesco. O Bando parecia se transformar num anúncio também do carnaval que acontecia na cidade em fevereiro. A presença de elementos carnavalescos nas festas de largo em homenagem a Sant'Ana foi muito comum durante todo século XX, esta forma de se organizar e acontecer parecia se aproximar muito dos carnavais, compostos de fantasias e carros alegóricos.

Os grupos carnavalescos traziam para o cortejo muita alegria e divertimento, complementado pelas guerras de confetes e lança-perfumes. Todo divertimento era embalado pelos ritmos das marchinhas e dos sambas cantado por esses grupos. Muitas das marchinhas expressadas nas atuações e encenações dos cordões foram criações próprias dos grupos



carnavalescos locais que saíam as ruas nos mês de fevereiro para comemorar o carnaval que depois mudou de período e se tornou a famosa micareta. Os temas das marchinhas podiam ser diversos, assim como eram diversos e plurais os temas das fantasias vestidas pelos participantes do cortejo.

O Estilo musical do Bando assim como seus sentidos para comunidade feirense parece mudar também ao longo dos anos. As músicas a partir da década de 60 em diante parecem ultrapassar os limites das críticas de fina estampa e começam a ganhar tons mais escrachados e escancarados, mas isso não significa que as músicas cantadas e tocadas também não podem ser marchinhas clássicas, sambas-canções e outras. Muitas músicas pareciam ser paródias destas outras. Muitas vezes se usavam a batida e o ritmo destas músicas, porém eram resignificadas as letras, recebendo tons de ambiguidade.

Os tons de duplos sentidos faziam parte de um processo de apropriações e recriações pela comunidade que a todo tempo consumia os novos produtos musicais da industrial cultural, porém este consumo era feito de uma forma muito particular ganhando, às vezes, outros sentidos e significados. As letras das músicas eram apropriadas e praticadas muitas vezes de formas diferentes da original, podendo ter durante este período uma disseminação e divulgação no cenário da festa muito rapidamente.

Na sociedade havia pessoas que a rejeitavam pelo seu tom e conteúdo, considerado muito mais do que meras brincadeiras musicais e rítmicas. Além das músicas alguns membros da sociedade no segundo quinquênio do século XX, consideravam as práticas do Bando Anunciador uma ofensa aos 'bons princípios e costumes' a serem seguidos pela sociedade.

A festa do Bando nos ano 60 em diante parecia revelar outra face da sociedade feirense, que estava escondida em seus guetos. Porém ao mesmo tempo revelava o distanciamento e não reconhecimento de setores da sociedade feirense e de suas práticas culturais apresentadas no Bando Anunciador. As práticas culturais encenadas e apresentadas pelo Bando Anunciador no palco público, nas ruas da cidade, em especial durante as décadas de setenta e oitenta foi intensamente rejeitado por uma parte da



sociedade feirense, como pode ser percebido na falta de informação ou até mesmo ausência de notícias da saída do Bando nos jornais do período. Esta ausência de notícia não acontece com as outras etapas das homenagens.

A musicalidade, estruturação e organização do Bando passavam por um processo de transformação e mudança, isso se evidencia fortemente nos anos setenta e oitenta, quando o cortejo era puxado pelas charangas e bandinhas.

De alguma forma o Bando, assim como a Lavagem, a Levada da Lenha durante sua passagem pelas ruas informavam didaticamente uma imagem e representação de como se poderia ser na sociedade feirense. Brindava todo o movimento corporal o canto saído das entranhas dos participantes que juntamente com toda a multidão cantava num só ritmo ecoante, a tomar as ruas e se espalhar pelos ouvidos de todos os presentes, independente de gostarem ou censurarem as letras das músicas.

4. Lavar a alma de alegria

A Festa da Lavagem se dividia em dois momentos no dia de seu acontecimento: um pela manhã e outro pela tarde, acompanhado ora por bandinhas, ora por Trio elétrico que acontecia na Praça da Matriz. Esta festa, considerada profana pela Igreja, acontecia fora dos muros do Templo Católico, que deveria ser resguardado da profanação. Nele só era possível apenas a Lavagem de seu chão e santuários no turno da manhã. A Lavagem de caráter “carnavalesco” que acontecia sempre à tarde normalmente depois das 16h, não deveria entrar no Templo.

A separação e divisão de espaços evidenciam as fronteiras desses dois universos - o sagrado e o profano - proibidos pela igreja Católica de se imiscuir. Porém o grande paradoxo é saber que a Lavagem também fazia parte da festa em homenagem a Santana e era indissociável dela. Apesar da Igreja Católica assumir uma postura desde as primeiras décadas do século XX, de proibição de batuques e festança no interior da Igreja Matriz.

A Lavagem era um lugar de participação de todos, inclusive dos mais “abastados” da cidade. Os filhos de comerciantes, médicos, populares, homens, mulheres, crianças e jovens outros que estudavam na capital vinham



se fantasiar para se entregar à diversão e saírem pelas ruas. O universo da Lavagem era composto por agentes fixos e outros flutuantes, misturados em prol de um interesse comum: a diversão e a fé.

A Lavagem dentre suas manifestações apresentava encenações e performances próprias, nas quais eram representados temas e mensagens diversas, falando de sexo, formas de fé, religião, maternidade e política. Todos os temas eram apresentados no grande desfile a compor a Lavagem com suas diversas alas. Ela era aberta com as baianas organizadas pelos terreiros de da cidade, em seguida vinham os travestidos diluídos em todo contexto. Quem não faltava ao evento também eram os Tribunos com suas performances teatrais a denunciar as condições precárias da saúde, do emprego e economia.

Acompanhando todo este movimento vinham às carroças organizadas especialmente pelos barraqueiros da festa, tinham também os cavaleiros a incomodar alguns participantes pelo risco de pisoteamento. A Lavagem representava uma grande manifestação cultural presente nas celebrações em homenagem a Sant'Ana e nela ocorreram muitas disputas envolvendo o campo religioso feirense, como também disputas de espaços e prestígios entre os seus participantes e organizadores.

Não podemos esquecer as contínuas disputas entre as baianas que abriam a Lavagem e Levagem da Lenha. Entre os anos de 60 e 80, estas manifestações culturais eram pensadas e lideradas pelos terreiros da lalorixá Mãe Socorro e do Babalorixá Zeca de Iemanjá, figuras cativas e de destaque na Lavagem e Levagem. A produção da Lavagem e Levagem nos anos 1980 eram carregadas de competição entre os candomblecistas, pois ambos buscavam cada um a sua maneira, fazer a mais espetacular e bonita passagem nas ruas durante o cortejo.

Apesar das disputas deles por prestígio e mais destaque, isto não impedia o funcionamento da Lavagem de Sant'Ana, pois ela obedecia a seu fluxo festivo e comemorativo, composto por um universo de multivivências e formas de expressão. Através das performances culturais elaboradas por seus componentes vertidos pelos seus movimentos preenchidos de sinestesia presente nos jogos corporais dos sujeitos envolvidos pelas



músicas das bandinhas, como também do cenário aberto ao lúdico e burlesco.

A Lavagem com seus rituais ultrapassavam os banhos de água de cheiro. Essas águas banhando os participantes da Lavagem tinham vários sentidos, pois além de purificar, também limpava, renovava, gerava vida e promovia o renascimento⁵. As baianas, mas do que representavam a personagem indispensável para a eficácia simbólica do ato da Lavagem no imaginário dos seus participantes, no largo do templo. Elas revelam aos seus espectadores outra imagem passível de um diálogo entre religiões diferentes em um mesmo momento festivo, apesar dessa mistura de práticas religiosas do candomblé e do catolicismo nem sempre ser aceita por alguns setores da sociedade religiosa feirense.

Na Lavagem era possível tornava público parte dos rituais e mecanismos de funcionamento do candomblé, a exemplo do encerramento do cortejo na qual era dado bênçãos e espargir de água de cheiro, nas cabeças dos seus acompanhantes. Era possível também trazer ritos e rezas como *Igorici* que seria uma espécie de “Salve Rainha”, o *Muxucá* seria algo parecido com o” Pai Nosso” e o *Indorossam* feito para todos os orixás começando com Ogum (Santo Antônio) e encerrando as homenagens com Nanã, como uma possível referência a Matriarca Feirense⁶. Porém este rituais não se resumia apenas a Lavagem, eles se repetiam na Levagem que se apresentavam com elementos análogos.

5. Fogo e fé esquentam os foliões

Com tons de muita aproximação e similaridade da Lavagem da Igreja a Levagem da Lenha, se caracteriza em especial pelos feixes de madeiras levados pelas baianas que dirigiam seu cortejo pelas ruas da cidade, tendo como ponto final de chegada a porta da Igreja Matriz onde eram depositados estes feixes de madeiras e era montada uma grande fogueira que era acesa

5 Podemos aprofundar tal discussão no livro de Maria das Graças de Santana Rodrigué: *Oríãpéré Ó: o ritual das águas de Oxalá*. São Paulo: Summus, 2001.

⁶ Revista Panorama da Bahia: 15 de janeiro de 1984, Ano 1, nº09.p.14



no final da noite para aquecer o samba e também acender ainda mais a fé dos participantes a homenageada do dia.

Assim, como todas as etapas das festas, a Levagem da Lenha também sofreu modificações e transformações de sentidos e significados por quem dela participava. No final do século XIX a intenção da manifestação era levar a lenha para iluminar as ruas da cidade (pois Feira de Santana ainda não tinha luz elétrica) durante as homenagens a Santa Padroeira.

Outra suposição do uso das fogueiras e a trazida de feixes de lenhas para ser usada na feitura de fogueiras no palco do evento em homenagem a Magna Protetora da cidade e nas ruas próximas onde se concentrava as celebrações do festejo, poderiam ser explicadas pelo período inicial que as festas eram realizadas. As comemorações aconteciam originalmente no mês julho, na estação de inverno e de muito frio, naquele período uma das soluções para enfrentar o frio nas ruas da cidade era o uso da fogueira com duas funções: a de iluminar o evento e também de aquecer os muitos romeiros e visitante que vinham à cidade⁷.

O uso da fogueira neste período poderia ter contidos estes dois sentidos, mas se sabe que ela não foi uma prática comum apenas na cidade de Feira de Santana, ela fez parte de algumas festas noturnas em cidades que a luz elétrica não existia, na própria capital do estado ela esteve presente no adro do Bomfim. Mesmo em Feira de Santana com a “lei provincial nº1833 de 26 de agosto de 1878⁸”, autorizando a contratação de serviço de iluminação das ruas da cidade com 120 lampiões, não motivou a comunidade abrir mão desta prática que se fortaleceu no século XX, mesmo com a instalação de luz elétrica na cidade na década de vinte.

Porém ao longo das décadas do século XX, esta ação foi ganhando outros significados e a Levagem da Lenha começou a ganhar outras conotações que a aproximava muito de características carnavalescas. As mudanças ocorridas na Levagem da Lenha parecem ter alcançado aspectos diversos seja no processo de alteração de seu nome ou até mesmo na forma

⁷ Esta outra possibilidade do uso da fogueira é trazido por Monsenhor Renato Galvão no Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 27 de janeiro de 1987, Ano XVII, nº 3965.

⁸ Feira Hoje, Feira de Santana, Caderno de Domingo, 30 de janeiro de 1977, Ano VII, nº829.



de ser e acontecer. Ela inicialmente era conhecida como Levada da Lenha e foi sendo alterada pelo uso de uma mistura de Lavagem e Levada que resultou no uso comum do termo Levagem. Esse termo parece ter sido apropriado e usado correntemente ao longo do século XX.

Uma participante da Levagem entre as décadas de vinte a oitenta nos traz um panorama diferenciador dos aspectos desta manifestação e dois períodos diferentes. Segundo a Senhora Ernestina Ferreira Santos a Levagem no primeiro quinquênio do século passado trazia “um ritual mais religioso que profano, não existia muitos foliões no meio”⁹.

Isto se altera de forma mais profunda nos anos setenta e oitenta, quando é inserido na Levagem o trio elétrico em substituição das tradicionais zabumbas e charangas. Esta manifestação começa a ser deglutida pelo fenômeno do som elétrico e ganhar ares de um carnaval fora de época. Porém parte da comunidade debatia a permanência ou retirada do trio desta manifestação.

A Secretária de Cultura do município diante destas discussões resolveu nos meados dos anos oitenta retirar o trio, para fortalecer a antiga tradição. Contudo esta manifestação pertencia também aos participantes, que dela se apropriava e a reinventava a todo o momento. Dessa forma a retirada do trio não parece ter sido um problema que durasse muito, pois anos depois num processo de “subversão” a ordem instituída a rua pegou fogo de alegria com a inclusão de uma carroça elétrica formada por integrantes do trio-elétrico do Bloco dos Nacionais que deu a Levagem uma grande dosagem de carnavalesco.

Logo atrás das baianas com seus feches de lenhas na cabeça, vinham acompanhando a Levagem as carroças, organizadas pelos barraqueiros, ornamentadas por folhagem ou outros elementos numa similaridade a da Lavagem, elas promoviam nos dois festejos guerra de talco, além de transportar figuras pitorescas.

Levados pelas músicas de duplo sentido logo atrás das baianas, das carroças, das bandinhas e zabumbas vinham os travestidos, transitando

⁹ Feira Hoje, Feira de Santana, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002. p.05.



entre sua ala e as das baianas, pois muitas vezes eles se fantasiavam de baianas, mas eram facilmente reconhecidos por destoarem delas pelos tons de cores extravagantes estampados nas suas roupas e enfeites.

Participavam do grupo dos travestidos, tanto homens populares, quanto filhos de comerciantes, empresários, industrial, homens solteiros, casados e outros que não podiam se expressar no cotidiano, pelos tabus e preconceitos existentes. De forma lúdico-festiva, eles tinham seus corpos modelados por roupas femininas e maquiagem para, de forma irreverente, fazer suas atuações no palco público da Levagem.

Num tom de irreverência e de ironia compunha a Levagem também nos anos setenta e oitenta o Movimento da Tribuna Popular, a apresentar nas ruas da cidade suas performances¹⁰ expressadas num grande movimento quase teatral de encenações de crítica ao poder local e regional. Para as ruas os Tribunos levaram no ano de 1981 as mensagens “Quem leva a vida na mordomia não leva lenha no dia a dia¹¹”, fazendo referência aos políticos ao ganharem dinheiro sem muitos esforços e também entre tantas outras mensagens com temas diversos.

A Levagem também tinha seu palco aberto às expressões folclóricas da cidade como bumba-meu-boi, o jaguar e a burrinha com sua presença cativa, além do “preiboy”, todos estes ícones construídos e apresentados por mestre Muritiba. As figuras folclóricas sempre fechavam a Levagem com suas apresentações em praça pública na frente da Igreja Matriz.

Toda esta efervescência cultural presente nestas manifestações tinham vida própria, e a chama criativa dos seus participantes deram a Levagem tons diversos até 1987, quando sob influência de instituições políticas e religiosas a Levagem da Lenha teve que extinguir o fogo de sua fogueira e passou a ocupar apenas as memórias e lembranças de quem dela participou.

¹⁰SCHECHNER, Richard. Considera que para haver uma performance deve estar presente no seu desenvolvimento pelo menos um destes setes pontos elencados. 1. Entreter 2. Construir algo belo 3. Formar ou modificar uma identidade 4. Construir ou educar uma comunidade 5. Curar 6. Ensinar, persuadir e/ou convencer 7. Lidar com o sagrado e/ou profano.p.20. IN: “O que é performance?”, em Performance studies: na introduccion, second edition. New York & London: Routledge. 2006.

¹¹ Jornal Feira Hoje, Feira de Santana, 28 de janeiro de 1981, Ano XI, nº2002. p.05.



Podemos perceber diante da discussão elaborada que a Levagem da Lenha como todas as outras manifestações culturais presente nas celebrações a Padroeira permitiram aos participantes se envolverem numa mesma dinâmica. Sendo responsáveis também por reinventá-la, e dela se apropriar de diversas formas num contínuo dialogo no qual os sujeitos podiam ter noção do que estavam fazendo ou até mesmo pelo impulso, podiam se perder nas noções de festejar, do viver e do sentir-se protagonista das celebrações.

Considerações Finais

As festas de largo faziam parte dos festejos em comemoração a Matriarca feirense, sendo elas parte das múltiplas expressões de religiosidade e fé apresentada pelos seus participantes. Estas manifestações também podiam ser consideradas como festas complementares dentro dos festejo maior, pois tinham suas características particulares e distinguidas de outros momentos do Festejo.

As festas para homenagear Sant'Ana eram um lugar de multivências, dinamicidade e multiplicidade, representadas por diferentes sentidos e vivências coletivas, condensando e expressando a vida dos agentes sociais e históricos. Com base nestas discussões podemos concluir que as manifestações presentes na Festa da Padroeira estavam desde sua origem num movimento dinâmico de mudanças e reinvenção realizadas pelos produtores e consumidores da festa que se apropriavam e a prática com diversos sentidos, nem sempre aceitos por alguns grupos presentes na sociedade feirense como a Igreja Católica e parte da elite local.

Referências

- ABREU, Martha. O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.
- ALENCAR, Helder. A Festa de Santana. Feira Hoje, Feira de Santana, 30 jan. 1977., Caderno de Domingo, p.06.



AZZI, Riolando. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Tradução de Alda Porto, 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 1990.

_____. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 11, n. 5, Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103>. Acesso em: 20 ago. 2010.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaio de história social da cultura*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, 2002.

DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O Profano, a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GALVÃO, Renato de Andrade. *Os povoadores da Região de Feira de Santana*. *Sitientibus*. Feira de Santana, n.1, p. 25-31, jul./dez.,1982.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

POPPINO, Rollie E. *Feira de Santana*. Salvador: Itapuã, 1968.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. *OríÀpéré Ó: o ritual das águas de Oxalá*. São Paulo: Summus, 2001.

SCHECHNER, Richard. 2006. "O que é performance?". In: *Performance studies: na introducción, second edition*. New York & London: Routledge. Disponível em: < <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fperformancesculturais.emac.ufg.br>. Acesso em: 10 de set. 2013.



TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Tradução de Fabiano de Moraes. Niterói: EDUFF, 2008.

_____. “The Anthropology of Performance”. En Victor Turner (comp.), *The Anthropology of Performance*, PAJ Publications, New York. 1987.

S/N. Celebrações de Santana. *Revista Panorama da Bahia*. 15 jan. 1984., Ano 1, nº09.p.14

S/N. Festa de Santana. *Folha do Norte, Feira de Santana*, 14 jan. 1928., p. 01.

S/N. Festa de Santana. *Folha do Norte, Feira de Santana*, 30 jan. 1937., p.01.

S/N. A Festa de Santana. *Jornal Feira Hoje, Feira de Santana*, 27 jan. 1987.,p.05.

S/N. A Lavagem foi um sucesso. *Jornal Feira Hoje, Feira de Santana*, 28 jan.,1981, p.05.